

## A ALMA DO TURCO

FUMOSA CANDEIA DE QUEROSENE pousada sobre um mocho de três pernas alumiaava o pequeno copiar da casa de João Carrapixo, onde me hospedara com o Macário, meu pajem, encontrando aboletados ali um conhecido vendedor de gado, o Israel do Joá, e dois negros.

A casa era pequena e velha, a taipa toda esburacada e o telhado em petição de miséria, porém naquela erma barranca do rio Quixeramobim, entre o Egito e o Cruxatu, não havia outra. Na alcova dormiam o Carrapixo e a Teodósia, sua mulher, e a salinha era sempre cedida da melhor vontade àqueles que, como nós, súbita cheia do rio impedia de seguir viagem.

Tínhamos armado as redes e fiangos, uns por cima dos outros, nas estacas de aroeira que sustentavam o teto, e, para fazer sono, contávamos estórias de almas. Fora, a chuva açoitava, sem piedade, o matagal gemente.

Os cabritos e cabras da criação do Carrapixo, acossados pelas bâtegas de água, abrigavam-se na exígua alpendrada da habitação. Coçavam-se no barro das paredes, ou na porta de umburana-de-espinho, que estremecia toda, chocalhando as dobradiças centenárias, de ferro batido a trouxe-mouxe, e a imensa fechadura de broca. De quando em quando, o fulejo velho, pai-de-chiqueiro, bufava repetidamente. E, à luz baça do candeeiro, via o riso branco de um dos negros, que certamente fantasiava os atos bestiais que o bode, malgrado chuva e vento, cometia.

Quem mais contou estórias de assombrações foi o Israel. Sabia um ror delas, na maioria acontecidas com ele próprio, no sertão distante dos Inhamuns, onde nascera, ou nas suas longas e contínuas travessias entre as ribeiras cearenses e as grandes feiras de gado de Pernambuco, ou da Paraíba. O negociante de bois, pelo que dizia, já tivera relações com o currupira, já vira duas, ou três, burras-de-padre, já desencantara um lobisomem e enconjurara, rente ao

muro do cemitério velho de Campina Grande, uma avantesma branca de três varas de altura e cabeça de galinha!

Ao terminar a narração deste último caso, o preto que ria alvarmente do bufar do fulejo, disse:

— Pior foi o que se deu comigo! Muito “mais pior”! Vosmincês todos podem dizer que é mentira, “mas porém” tão certo é eu me chamar Balbino da Purificação e ter nascido nas Alagoas como ter se dado o que vou contar. Foi numa noite de lua, na fazenda do meu patrão Miranda, na Barra do Valentim. Os matos estavam todos cinzentos e cheinhos de caburés piando. Só mesmo agouro! Fui ao bebedouro do açude lavar o cavalo do filho do patrão, que chegara de viagem...

O negro calou-se e, lentamente, picou na mão aberta a ponta duma tora de fumo, para encher o cachimbo. Um fio gotejante de água, que a força da chuva aumentava, caía por uma fenda do telhado velho e batia monotonamente no barro socado do chão, onde começava a formar pequena poça. O Carrapixo, que estivera sentado em silêncio, a um canto, ouvindo a conversa, levantou-se, foi à cozinha, trouxe um alguidar de louça vidrada e colocou-o debaixo da goteira. Então, o fio de água bateu no vaso com um pequenino rumor triste. A Teodósia, encostada ao umbral da alcova, mantinha-se sem um gesto, uma palavra, um pestanejar de olhos sequer, impassível.

— Fui ao bebedouro noite de luar, como ia dizendo, prosseguiu o negro. Levava na cintura minha faca enterçada,<sup>7</sup> feita pelos Fernandes do Crato, e uma garrucha de dois canos, carregada com palanquetas. E foi a minha felicidade! Quando descí da parede do “sangrador” para a cerca do bebedouro, coberta de melão-de-são-caetano, avistei a marmota e fiquei logo tremendo de frio, com os cabelos arrepiados! Era uma visagem, a modos dum vulto branco, baixa e grossa, sem tirar nem pôr o corpo da Dorotéia do Ludovico, quando anda para ter criança. Bicho feio de todos os diabos! O cavalo do filho do patrão acendeu logo as ventas e as orelhas, bufou três vezes, pôs-se todinho de pé e, arrancando o cabresto das minhas mãos, desembestou pelo caminho em fora “que nem” maluco! Com o barulho que fez, a assombração, que estava de costas, virou-se para meu lado. “Voutes”! Virgem Maria Santíssima! Era uma caranca medonha, com os olhos de fogo! Risquei mais que depressa o pelo-sinal no peito, puxei a garrucha da cintura e fiz pontaria na coisa. Ela, então, foi estirando para riba, estirando, estirando até que ficou fina e alta como mastro de bandeira de novena! Papoquei-

---

<sup>7</sup> Empregada no sentido de *reforçada*, com a têmpera dos *terçados*, facões especiais para o corte de cana e outros vegetais.

lhe fogo! Quando a fumaceira passou, não vi mais nada e estava com o braço dormente que nem o podia mexer. Credo em cruz! Nunca mais houve quem me obrigasse a ir ao bebedouro de noite.

Antes que alguém desse uma palavra, a Teodósia deu dois passos para o meio da sala e, com a luz da candeia a sombrear-lhe cada ruga, cada linha enérgica do rosto envelhecido, exclamou, olhando-me de frente:

— Tudo isso que essa gente conta, “seu” doutor, é pura mentira! Vosmincê não acredite. Tenho cinqüenta e quatro anos, nasci na era de sessenta e vi meu pai todo amarrado, todo “inquirido”, recrutado como voluntário para a guerra do Lopez, lá no Paraguai; porém nunca na minha vida vi rasto de alma nem couro de lobisomem. E só Deus Nosso Senhor sabe por que vexames tenho passado! Raios me partam agorinha mesmo, se acredito em visagens!

— Então, vosmincê crê que só há o corpo da gente, “sá Teodósia”? indagou com fingido espanto o Israel.

— “Inhor” não, moço, continuou ela, dirigindo-se somente a mim e cravando nos meus seus olhos negros de guajiru. “Inhor” não! Eu acredito em Deus Padre, em Nosso Senhor Jesus Cristo, em Maria Santíssima, em toda a corte do céu e nas almas do Purgatório; mas que elas venham fazer besteira na terra em corpo de cachorro, ou de mula sem cabeça, ah! nisso não acredito não!

Passou os olhos com desprezo nos circunstantes e acrescentou:

— Dizem que lobisomem é gente amarela que tomou a figura dum cachorro grande e bate as estradas. “Lambanças!” Isso é até fazer pouco nos cachorros. Eu já conheci um cachorro que tinha mais alma do que muito homem barbado que anda por aí. Foi o Turco. Se eu contasse a estória dele, vosmincês chorariam de pena!

Pedi:

— Conte, dona Teodósia.

Os outros acompanharam-me no pedido:

— Conte, “sá” Teodósia.

O meu arrieiro colocou a candeia fumosa no chão e aproximou o tamborete da velha. Ela sentou-se e falou:

— Quando eu tinha dez anos, morava na vila de Jaguaribe Mirim e na minha casa havia um cachorro grande, que pertencera a meu pai, chamado Turco. Era mourisco, de rabo cortado, para evitar rabugem e não morder de furto, com uma orelha baixa e outra em pé. Eu e meus irmãos tínhamos verdadeira loucura por ele. Brincava a manja e os quatro-cantos com a gente. Nós nos escondíamos e ele nos procurava, como se fosse uma pessoa. Mas minha mãe aborreceu-se muito com ele, porque deu para furtar e espantar as galinhas. Deu-o de presente ao dono dum sítio perto da vila. Choramos muito, porém o homem levou o Turco. Daí a três

dias, o cachorro apareceu em casa, com um pedaço de corda no pescoço. Nós lhe fizemos muita festa e minha mãe ficou furiosa. Entregou-o, então, ao Abraão da Venda, que o carregou para a fazenda de São Gonçalo, daí a trinta léguas. Choramos mais ainda do que da primeira vez. Passou-se mais de uma semana e, certa tarde, quando brincávamos à porta da rua, o Turco veio correndo e latindo do lado do rio, magro como esqueleto, língua de fora, a morrer de fome e sede. A gente agradeceu-o, deu-lhe água e comida, e andou com ele em charola até a hora de dormir. E minha mãe ficou ainda mais aperreada com o pobre bicho. Pediu-se muito a ela para o Turco ficar em casa e consentiu, com a condição de não roubar mais, nem perseguir as galinhas.

Mas qual! Era mesmo danado e não largou o mau costume. Minha mãe não perdoou e prometeu-o a um mascate, que ia para o Juazeiro da Bahia, de onde nunca mais poderia voltar. O cachorro parece que adivinhou. Quando o procuraram, não o encontraram. Escondera-se bem escondido e só apareceu dois dias depois que o mascate foi embora. Minha mãe jurou que ele lhe pagaria essa. Daí a tempos, um paroara, que voltava para o Amazonas, quis levar o Turco para o seu seringal, no rio Xingu. Na véspera de sua partida, minha mãe mandou amarrá-lo no fundo do quintal. Ele olhava-a, humilde, com os olhos cheios de água, e ela, inquizilada, dizia-lhe:

— Agora, desgraçado, quero ver você voltar para me furtar queijo e matar galinha! Quero ver você atravessar o mar a nado!

A meninada veio abraçar o Turco, chorando. Acredito que ele compreendeu que essa era mesmo a última vez; e, de manhã, quando o paroara veio buscá-lo, estava morto, deitado de lado, todo duro e coberto de moscas!

A Teodósia limpou os olhos na manga da blusa de chita e perguntou-me:

— “Seu” doutor, vosmincê não acha que a alma do Turco era maior do que a de muito homem que não tem amizade por ninguém?

Fiz que sim com a cabeça e todos os demais me acompanharam, menos o negro da estória da visagem, que continuava a rir idiotamente do bufar obsceno do fulejo...